

Araci Cortes: há 80 anos, rainha da MPB

Miguel de Almeida,
da Agência Folhas

É claro, a maioria se esqueceu, como de hábito. Araci Cortes, oitenta anos completados em março passado, inovou no lendário Teatro de Revista e é ainda responsável por verdadeiros clássicos da canção brasileira. Pertencem a ela as primeiras gravações de "Jura", do genial Sinhô, "Iaiá", de Henrique Vogeler, Luís Peixoto e Marques Porto, "Baianinha", de De Chocolat e Oscar Mota e outros. E não foram apenas sucessos, porém marcos: "Jura" foi a primeira consagração popular ao samba-canção. Ao iniciar hoje, na Sala Guiomar Novaes, da Funarte (alameda Northman, 1058), às 21 horas, o espetáculo "Linda Flor", com a participação de Marília Barbosa e do grupo "Chorando Baixinho", Araci Cortes estará apenas demonstrando ao público a razão pela qual várias vezes foi coroada Rainha do Rádio, Rainha da MPB e das Atrizes. Pouco antes, às 19h30, autografará o livro "Araci Cortes-Linda Flor" (MEC/Funarte, 286 págs. Cr\$ 4 mil), de Roberto Ruiz e também o disco, que leva seu nome, comemorativo aos seus oitenta anos.

Araci Cortes é pessoa vaidosa. E alterna saudável mordacidade com inegável ceticismo. Teve muito dinheiro, dirigiu companhias de teatro de revista, gravou alguns dos maiores clássicos do

cancioneiro brasileiro, estrelou mais de trezentas revistas — e hoje vive muito mal em uma pensão no Rio de Janeiro. Sozinha, sem filhos, viúva, ela recebeu ontem promessa da ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz, e, dias atrás, do ministro da Previdência Social, Jarbas Passarinho, de que terá uma pensão especial, paga pelo Estado. Nada mais justo.

Ela nada conta sobre o espetáculo "Linda Flor". "Se eu disser, você não irá, ora", brinca. No show estarão todos os seus sucessos, em sua voz inconfundível, demais de afinada. E seu excessivo bom gosto e requinte poderão ser confirmados. Por motivos óbvios, não dançará — uma pena. Sabe-se que ao estreiar no teatro de revista, em 24, estonteou a todos, a turba boquiaberta, com um raro sapateado, utilizando curiosa chinela baiana. Como ela foi parar em um teatro de revista é outra história, também interessante. Morreu o pai, a família ficou sem dinheiro e ela pensou: "Poxa, já que brinco com essa história de cantar, por que não algo que me dê dinheiro?" Pronto. Levou a experiência de apresentações diante de amigos — entre eles, o catártico Pixinguinha — e estreou sem muitas dificuldades. Aliás, só uma: estranhou o público que também a estranhou, no primeiro instante. O maestro deu os primeiros acordes e ela vacilou; de novo, o início. Alguém de trás das cortinas ralhou — e Araci Cortes cantou e jamais deixou de encantar.

Teve a sorte de conviver com os compositores mais criativos já passados nas terras tropicais. Acha Vicente Celestino o maior cantor brasileiro e Ângela Maria a melhor intérprete feminina. E dos novos? "Destes eu não gosto de falar. Só vivem pegando nossas coisas. Por que não criam algo deles?"

É de entristecer, mas Araci Cortes achava o Brasil dos anos 30 e 40 bem mais alegre e educado. Era um tempo — conta ela — em que existiam dezenas de companhias de teatro de revista, muita música popular de boa qualidade e os homens bem mais gentis.

Suas definições são debochadas. Soube da celebração generosa em torno de Alberta Hunter, 89 anos, e apenas comentou: "Já me imaginou nos Estados Unidos? Não estaria bem se fosse americana?" Odiou a interpretação de "Iaiá", feita por João Gilberto: "Ele é péssimo. Sujeito fresco". Bem, pode ser algo demais radical, mas assim sempre se comportou Araci Cortes. Sua voz pequena, quase indomável, na década de trinta, abriu espaço para as tristes cantoras de atual sucesso. Reservava às músicas uma interpretação particular, digital, e nunca gravou, ou apenas cantou, algo sem sua beleza. Não à toa, foi homenageada com belos versos de Jota Maia: "Nasci artista/ nasci sambista/ .../ e os teus aplausos no meu coração/ hei de morrer como nasci/ sempre cantando, sempre Araci". E é a pura verdade.

FOLHA DA TARDE

Show